



Educação e Cinema Nacional: A Educomunicação como estratégia para o Ensino- Aprendizagem da Literatura Brasileira.¹

Arclebiana Paula Alencar Pereira²

Robéria Nádia Araujo Nascimento³

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

No século atual, as concepções de educação e o papel dos docentes sofrem alterações significativas em razão das novas tecnologias. O novo cenário advém, sobretudo, do fato de os docentes recusarem o papel de transmissores do conhecimento para assumirem a posição dialógica de mediadores do processo de ensino-aprendizagem. Com isso, os novos tempos propiciam ferramentas e estratégias geradoras de novas interações multidisciplinares. Nessa perspectiva, a vertente teórica da Educomunicação entende os espaços educativos como ambientes privilegiados de comunicação e novos saberes. Nesse sentido, este artigo, derivado de uma pesquisa em andamento para conclusão do curso de comunicação, sugere a utilização de filmes nacionais em sala de aula, inspirados em obras literárias brasileiras, a fim de dinamizar as potencialidades do ensino de literatura, mobilizando o ato de aprender.

Palavras-chave: Educomunicação; Literatura Brasileira; Cinema Nacional; Educação.

1. Introdução

O século XXI chegou para testemunhar uma série de transformações, em especial no tocante às relações sociais, as quais atualmente estão intensamente aliadas ao contexto midiático. A comunicação assume cada vez mais um papel efetivo na construção dessas relações através de suportes como a TV, o rádio, o jornal impresso, o cinema e a internet.

E se os meios de comunicação estão mais presentes do que nunca na vida das pessoas, modificando seus valores, construindo novas realidades, estes acabam substituindo inovações nos diversos campos sociais, sobretudo na educação. Hoje está cada vez mais nas mãos da mídia e dos seus respectivos produtos o papel de construir o imaginário social dos cidadãos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 - Interfaces Comunicacionais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, da UEPB, email: bianaebia@hotmail.com.

³ Orientadora da pesquisa em andamento para conclusão do curso de comunicação, professora titular do Curso de Comunicação Social da UEPB. Doutora em Educação pela UFPB. E-mail: rnadia@terra.com.br.



Cientes desse fato, teóricos da comunicação e da educação passaram a considerar nos seus discursos a necessidade da inserção efetiva desses meios para melhor atingir umas das principais metas contemporâneas: educar. Já dizia Mercado (2001) que ao educador cabe aproveitar “criticamente essas tecnologias, descobrindo as possibilidades de utilização que elas colocam à disposição da aprendizagem, favorecendo o repensar do próprio ato de ensinar” (MERCADO, 2001, p.253). Por estarem presentes nos mais diversos lugares, os meios de comunicação vão além do ambiente escolar, permitindo que a utilização das mídias transcenda os conteúdos tradicionais, uma vez que os meios já se inserem no cotidiano do aluno, possibilitando, em razão disso, novos mecanismos de formação da identidade cultural através das identificações e pertencimentos.

Nesse cenário, torna-se inquestionável que a influência da mídia nos diferentes espaços sociais gera mudanças significativas nos processos de natureza pedagógica, impondo a necessidade de que os métodos de ensino incorporem essa nova realidade, sobretudo porque o estudo e análise dos meios de comunicação se mostram eficientes para promover novos caminhos de aprendizagem. Assim, a presença da mídia na educação aos poucos fomentou o surgimento do educador, sujeito proativo que une a mídia e a educação como ferramentas promissoras para o ato de ensinar e aprender. Buscando superar a perspectiva de educação “bancária” de transmitir conhecimento, ao educador cabe o desafio de se utilizar das perspectivas midiáticas gerando discussões que transcendam as chamadas grades disciplinares do ensino convencional, de modo a ultrapassar a fragmentação imposta pela educação inspirada no tecnicismo.

O cinema, enquanto meio de comunicação que atinge seu público pelo fator identificação, é uma ferramenta já bastante adotada pelas instituições de ensino brasileiras, porém a maioria a utiliza como forma de entretenimento, sem que haja uma reflexão contextualizada que faça a ponte com os conteúdos pedagógicos tradicionais. Nesse sentido, mais que exibir filmes de maneira lúdica no espaço de sala de aula, torna-se objetivo do educador selecionar mensagens audiovisuais capazes de produzir conhecimento e sugerir discussões interdisciplinares, que façam do cinema não apenas um material multimídia, mas um instrumento poderoso de aprendizagem. Nesse contexto, a concepção de interdisciplinaridade na educação emerge para promover e articular uma síntese entre as múltiplas possibilidades de diversas áreas, de modo a



estabelecer a *unidade na diversidade*, mediante *uma visão de conjunto* que gera sentidos enriquecedores para o ato de ensinar e aprender (LUCK, 2004).

Nessa direção, entendemos que este artigo oferece contribuições para a vertente teórica da *educomunicação*, um campo que estuda e avalia a utilização das mídias nos espaços educativos, ao passo em que destaca o seu potencial como forma capaz de auxiliar no processo de construção do conhecimento dos indivíduos.

2. A Educação no Brasil: um breve histórico

A educação desde muito é fonte de pesquisas que se propõem a conhecer a metodologia para a transmissão de conhecimento, o poder da figura do educador, os efeitos causados no educando, enfim, são inúmeros os estudos que se dedicam a educação. Na Idade Média chamava-se de educação a transmissão de técnicas adquiridas e “o ato pedagógico tinha, sobretudo, a finalidade de possibilitar o aperfeiçoamento dessas técnicas através da iniciativa dos indivíduos” (LUZURIAGA, 1978, p. 57). Se refletirmos sobre a contemporaneidade a partir de tal definição, poderíamos chamar de “técnicas” as “metodologias” utilizadas em sala de aula para a mobilização eficaz do conhecimento. “Aperfeiçoar” nos soaria hoje como “contextualizar”, ou seja, se valer do conhecimento prévio do aluno para ampliar determinado assunto abordado. Proposta aproximada do que se defende hoje como interdisciplinaridade do saber, em resumo:

[...] a possibilidade que cada indivíduo precisa despertar para articular criações e recriações dos saberes, fazendo comunicar elementos do cotidiano, áreas afins, conhecimentos do senso comum, saberes da tradição e do cotidiano, a fim de unir, e não separar, as alianças da aprendizagem. (LUCK, 2004, p. 59).

A educação no Brasil teve seu início com a catequização dos índios e colonos, e logo se tornou privilégio de poucos, afinal deter conhecimento era uma regalia apenas da elite nacional. As classes menos abastadas eram responsáveis pelo funcionamento da nação enquanto mão de obra, e por isso o governo acreditava que estas não necessitavam de alfabetização. Esse cenário só ganhou nova roupagem após a I Guerra Mundial, com a chegada dos imigrantes. Para que a educação se tornasse “acessível a todos” foi necessária uma longa espera. Podemos dizer que no Brasil os movimentos



sindicais foram os grandes responsáveis pelo aumento de preocupações com os altos índices de analfabetismo. Contudo, o ideal de “popularização da escola” foi interrompido pela chegada do Governo Militar. Por outro lado, esse momento histórico trouxe consigo uma significativa mudança no âmbito da educação nacional, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases - LDB 5.692/71, que durante longos anos guiou os ensinos de 1º e 2º grau no país.

TEIXEIRA (1976) definiu a LDB como:

lei federal *sui generis*, à maneira do Código Civil, do Código Comercial, etc. Destinada a regular a ação dos Estados, dos Municípios, da União e da atividade particular no campo do ensino (...); a autoridade implícita na lei sujeita a todos quanto a seu cumprimento, sua interpretação e sua execução (TEIXEIRA, 1976, p. 227).

Nessa perspectiva, podemos apontar a LDB como um ponto positivo à educação no Brasil, por conseguir organizar o sistema escolar nacional. No entanto, este ensino passou a ser dependente dos interesses norte-americanos, devido a acordos MEC-Usaid, que propunham a profissionalização dos jovens para posterior inserção destes no mercado de trabalho, este objetivo falhou. Assim, somente no ano de 1996, com a redemocratização e a reorganização do ensino no Brasil, surge a nova LDB, que torna o ensino obrigatoriamente gratuito tanto para as redes municipais quanto estaduais. A educação se torna um direito da criança e do adolescente, prevista em lei que fornece aos pais o dever de manter seus filhos no ensino regular e ao governo a missão de ofertar um ensino público e de qualidade.

3. A Tecnologia em ambiente escolar

É consenso geral que investimentos no setor da educação são de suma importância para que haja garantia de um futuro social promissor. Ao longo de décadas observamos as diversas transformações sofridas por esse setor: alterações nos métodos avaliativos, no prazo de conclusão do ensino fundamental e médio, nas grades curriculares, e todas vieram com o anseio de melhorar a educação no Brasil. De acordo com Moran (1995) as tecnologias da comunicação não mudam exatamente a relação pedagógica, mas servem, sobretudo, para que o sistema educacional seja reavaliado. A tecnologia inserida em sala de aula vai exigir modificações principalmente no papel do educador, que terá de



absorver tais mudanças, reciclando-se enquanto profissional e utilizando de forma eficaz as ferramentas de ensino disponíveis.

O século XXI, reconhecido como o propulsor da sociedade do conhecimento, emerge trazendo para os contextos educativos a ascensão das novas tecnologias e com elas a necessidade de se reformular o pensamento educacional, sobretudo a atuação docente, no que concerne aos métodos e às técnicas utilizados em sala de aula. Com a chegada da Escola Nova⁴, movimento de renovação do ensino, criou-se a necessidade de transformação no campo educacional, ampliada pelo advento das tecnologias.

Deveria ser comum entre os educadores atualmente o uso pedagógico de tecnologias da informação e da comunicação, tais como TV, filmes, internet, rádio e impressos em ambiente escolar, tanto na rede privada de ensino como na pública. Se isso não ocorre de fato, cabe-nos observar se entre os profissionais de educação não há um despreparo em lidar com tais fontes ou se falta investimento nas instituições para a capacitação do docente.

Vemos surgir projetos que incentivam a utilização das mídias na escola, alguns idealizados pelo próprio Ministério da Educação, a exemplo do programa “Mídias na Educação”, lançado em 2009, visando capacitar professores da rede pública, por meio da Educação a Distância (EAD), sugerindo um melhor uso das ferramentas midiáticas disponibilizadas pelas instituições de ensino. Incentivos desse tipo propõem que a educação no Brasil dê um passo adiante para a construção de um país não só alfabetizado, como também preparado para vencer mais barreiras.

4. A Educação e a Mídia

Outro ponto que intimamente está ligado ao ato de educar é a comunicação. Sem a mensagem seria impossível pensar a educação. Seja ela oralizada, escrita, gesticulada, toda mensagem necessita de um canal para que sua emissão e recepção torne-se concreta. Por essa razão os estudiosos passaram a pesquisar tais temas, educação e comunicação, de forma complementar, onde a comunicação deixa de ser somente a transmissão de uma mensagem, para funcionar como interdisciplinar nas várias áreas da

⁴ O movimento escolanovista, liderado por Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e outros, ganhou arena pública em 1932, com a publicação do Manifesto da Escola Nova, a divulgação das idéias escolanovistas só foram possíveis graças a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE).



educação (filosofia, sociologia, literatura, etc.). Partindo de tal contexto surge a educomunicação que propõe destacar o papel educador da mídia.

Educar é colaborar para que professores e alunos – nas escolas e organizações – transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional – do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos. (MORAN, 2000, p.13).

Como bem destaca Moran (2000) a comunicação bem utilizada em ambiente escolar colabora na construção da identidade do educando. Além de promover diversas interpretações acerca de um mesmo tema, a educomunicação pode aplicar-se, em suas várias formas, a qualquer uma das disciplinas da grade curricular de determinada instituição, desde as ciências humanas até as exatas. Além do mais, a figura do educador em sala de aula possui agora outra funcionalidade, este é agora um mediador do saber:

As tecnologias de comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante. (Moran, 1995).

A educação no Brasil e no mundo atravessa um momento de transformações intensas, em que uma aliança com as tecnologias nascentes é a solução mais inteligente, já que estas ganharam um espaço que só tende a aumentar. Disciplinas que compõe as grades curriculares no ensino podem ser ampliadas pela adoção dessa vertente educacional, promovendo conhecimentos plurais e contextualizados.

4.1 O cinema nacional e o ensino da literatura brasileira

É cada vez mais frequente ver nas telas dos cinemas produções inspiradas nas mais diversas obras literárias. Os amantes da leitura se deleitam ao ver sua obra favorita em uma linguagem diferente, estes se sentem até à vontade para tecer críticas às produções, comparando-as aos livros. Clássicos, Trilogias, Romances estão entre as categorias da literatura mundial que possuem hoje versões na linguagem do cinema.



Trazendo essa realidade para o âmbito nacional, tem se tornado cada vez mais oportuno personificar os protagonistas da literatura brasileira através da indústria cinematográfica. Para tomarmos como exemplo, segue abaixo uma pequena amostra de alguns clássicos da literatura nacional que foram traduzidos para a linguagem do cinema:

Naturalismo: O cortiço (1977/ Francisco Ramalho Jr.)

Realismo: Memórias Póstumas de Brás Cubas (2000/ André Klotzel)

Modernismo: Macunaíma (1969/ Joaquim Pedro de Andrade)

Regionalismo: O Quinze (2007/ Jurandir Oliveira)

Expressionismo/ Surrealismo: As meninas (1995/ Emiliano Ribeiro)

A cinematografia se apropria de modo pertinente do leque de obras da literatura nacional, permitindo que o sucesso do livro fomente o consumo do filme ou ao contrário. É de conhecimento geral que a leitura ainda é uma das maiores dificuldades do aluno. Para a maior parte dos discentes, ler paradidáticos (como chamamos as leituras obrigatórias da literatura) é uma ação que normalmente não gera prazer.

A partir do momento que se propõe uma leitura como “obrigatória”, esta já provoca em quem lê a sensação de fadiga, uma ação por compromisso, e a consequência de tal fato, normalmente, é a não aprendizagem, é a ausência da reflexão do conteúdo proposto pelo livro. Alguns críticos acreditavam que a leitura que o cinema fazia das produções literárias nacionais não fariam jus a obra e, conseqüentemente, não seriam um bom aliado na leitura crítica desta por parte de quem a recebe. No entanto, outros já pensavam no cinema como “a voz da literatura”.

Quando a fotografia aparece, a pintura sente-se finalmente liberta para seu grande vôo formal. E quando o cinema surge, a literatura sente que a sua hora chegou. Não mais narrar simplesmente. A grande máquina narrativa acabara de nascer. Agora era o instante mesmo da criação, dos desvios, do gozo provocado pelas palavras que ultrapassam o contar, tornando-se, elas mesmas, potenciais poemas. Deixam de ser habituais, e ao serem retiradas desta obrigação do contar, tornam-se plásticas, imagéticas. (TAVARES, 2004, p.7)

Em outras palavras, a união da literatura com o cinema surge de forma positiva, e no contexto da educação, adotar esta mídia para tornar prazerosa a discussão das correntes literárias pode ser uma forma de provocar novas leituras tanto do conteúdo



como da mídia derivada. Como bem ressalta Lucci (2006) não se trata de renunciar à missão, mas sim acompanhar a lógica do mundo atual e oferecer ao mesmo tempo bases de pensamento para uma análise crítica desse mesmo mundo. A estratégia em questão é: utilizar um recurso já conhecido pelos alunos, ou seja, que já há uma identificação, para propor debates sobre as várias correntes da literatura, de modo a favorecer a compreensão através do recurso imagético.

É fato que desde muito o filme já é utilizado em sala de aula de disciplinas como História do Brasil, Língua Portuguesa, entre outras, porém a administração do recurso em ambiente educacional ocorre de forma inadequada. Inovar na educação brasileira ainda é tabu para muitos dos profissionais da educação. A ausência de ferramentas inovadoras talvez seja fruto de um pensamento ainda tradicionalista por parte dos docentes, que colocaria em risco uma visão humanista do processo pedagógico:

Compreende-se também que é esta concepção ‘humanista’ tradicional que está na base dos métodos tradicionais de ensino. Não se pode, pois, falar – dado que resulta contraditório – numa concepção ‘humanista’ tradicional de inovação. Ao contrário, o tema inovação será posto contra os métodos tradicionais do ensino e – já que estes se baseiam na concepção ‘humanista’ tradicional – as propostas de inovação educacional se insurgirão contra a referida concepção. (GARCIA, 1980, p.20)

Refutar essa concepção é a missão desse novo profissional que nasce no cenário contemporâneo da educação, o educador. Talvez o problema que enfrentamos atualmente não seja a falta de recursos midiáticos em ambiente escolar, mas sim a ausência de preparo do profissional da educação para lidar com estas ferramentas. Aliar-se a recursos midiáticos, especialmente a adoção do cinema, é papel do educador, que pode gerar, através da utilização contextualizada desse aporte, uma revolução positiva e inovadora no pensamento que move a educação hodierna, gerando debates de natureza multidisciplinar a partir dos conteúdos abordados.

5. Considerações Finais

Estimular a produtividade cognitiva, proporcionar a quem estuda literatura brasileira um contato com duas distintas linguagens é significativo, pois estas, embora tenham finalidades aparentemente diversas, entretenimento e educação, podem ser complementares quando abordadas em conjunto de modo sistematizado. É a função da



educomunicação favorecer este processo. Tal meio de abordagem consegue transpor estas finalidades por tratar o cinema não apenas como fonte de entretenimento, mas veículo importante para o ensino. E por tentar despertar no aluno que a literatura não é somente uma ferramenta pedagógica, mas também uma rica fonte de entretenimento contextualizado.

Esta aproximação pode despertar no aluno o seu potencial de aprendizado, uma vez que o ensino perde seu viés de atividade obrigatória. Adicionando uma pitada de identificação para aprender, seja por meio de uma mídia impressa, das programações da TV, da internet ou mesmo do cinema, torna-se assim algo prazeroso e consequentemente produtivo que favorece a vertente teórica educacional.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Walter E. **Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez Editora e Autores Associados, 1980.

LEAL, M. C. & PIMENTEL, M. A. L. (Org.). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LUCCI, Elian Alabi. **Educação e Inovação**. Disponível em: <http://www.acea.org.br/verartigo.php?id=115>. Acesso em 15 de dezembro de 2009.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da Pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

MEC. **Manual de Educomunicação**. Goiás, abril de 2006. Disponível em [http://cgsi.mec.gov.br:8080/conferenciainfanto/MANUAL_DE_EDUCOMUNICACAO_final_r ev.pdf](http://cgsi.mec.gov.br:8080/conferenciainfanto/MANUAL_DE_EDUCOMUNICACAO_final_rev.pdf). Acesso em 15 de dezembro de 2009.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: Edufal, 2001.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2000.



MORAN, Jose Manoel. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, setembro-outubro 1995, p. 24-26. 1999.

TAVARES, Mirian. **Cinema e literatura:** desencontros formais. Disponível em: www.intermidias.com . Acesso em 15 de dezembro de 2009.

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

VENTURA, Deisy. **Monografia jurídica**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002.